

Tribuna

85 anos do Hospital Montenegro - parte II



Roberto Braatz
Vereador - PDT

Nesta semana, como afirmara na passada, volto a tratar do HM ainda na esteira dos 85 anos comemorados na última semana. Neste espaço, quero resgatar um pouco da história, digamos assim, “esquecida”.

Antes de tratar do assunto, convém lembrar que sempre temos que ter o cuidado de não endeusar pessoas, administradores, sobretudo quando estes espertamente fazem questão de não colocar todas as fases da história de qualquer organização. E sim só aquela que lhes interessa. Sobretudo quando constante de divulgação e ainda servindo de encarte. Desconsiderando o passado um pouco distante e mais recente que são fundamentais. Às vezes, pessoas de boa fé não enxergam.

Como informei na coluna anterior, o HM passou por momentos difíceis. Que quase levaram ao seu fechamento. Por problemas de administração, mas principalmente em função da remuneração inferior aos custos por parte do governo federal. Aliás, vários hospitais fecharam por conta disso. E não foi por falhas administrativas. Aqui, graças à determinação de funcionários que aguentaram o tranco mesmo com salários atrasados, à OASE, vereadores e Executivo municipal, o HM se manteve vivo. Mas ocorreram fatos que muitos não sabem e ou não se lembram e outros fazem questão de não informar, mesmo tendo o dever. Por puro interesse, será?

No início dos anos 2000, já em crise profunda, com dívidas enormes, prédio localizado em frente do Hospital foi vendido. Não era suficiente. Então um empréstimo emergencial, em 2003, foi contraído. Era da ordem

de R\$ 4.200.000,00. Se hoje é uma soma elevada, imaginemos naquela época. Mas precisava de garantias. E aí entra uma parte da história que deve ser sempre lembrada. Mas que repito, alguns parece que fazem questão de esquecer para enaltecer a si mesmos. Para viabilizar o empréstimo e evitar o fechamento do HM, algumas famílias deram seu patrimônio em garantia. Isto mesmo. Alguns a própria casa. O único bem. Para que pessoas de todas as confissões religiosas pudessem continuar a ser atendidas. Católicos, evangélicos, espíritas, judeus e ateus. Para que funcionários pudessem manter a si e os seus familiares.

Destinarei este parágrafo para lembrar aqueles que corajosa e despreendidamente se doaram em favor dos outros. São eles: Néelson e Eliane Daudt, Mário e Sirlei Kirst, Nanci e Fernando Pereira, Eron e Janete Hörlle Zirbes, Irmgard Klabunde, Sônia Selita Weber e Ivânia e Cláudio Klein.

A crise na saúde pública continuava amarga. Inclusive no HM. Hospitais pelo Brasil afora fechando, bem como aqui no Rio Grande do Sul. O empréstimo tinha o seu encerramento previsto para fevereiro de 2012. Portanto foram nove longos e intermináveis anos. Imaginem a angústia. Continuarei na próxima semana. Nela abordarei, entre outros fatos, a regulamentação da emenda 29, que foi um divisor de águas em termos de saúde pública.